

DONA RISOLETA

39 dias de luta, esperanças e dor.



Foi dona Risoleta quem mandou rezar a missa na igreja Dom Bosco em Brasília, no entardecer do dia 14. De lá, o presidente Tancredo Neves foi para casa descansar, preparando-se para a posse, um dia aguardado há mais de 20 anos pelo País. Mas horas depois ele era levado ao Hospital de Base, sendo submetido à primeira das operações. No hospital, dona Risoleta assumia o controle da situação, ela que sempre foi o eixo emocional da família, recebendo filhos, parentes e amigos. Atitude que manteve sempre com serenidade, durante todo o tempo em que o presidente ficou internado no Instituto do Coração, transmitindo a mesma firmeza e muita fé às centenas de pessoas que visitaram o presidente aqui em São Paulo. No Domingo de Páscoa, emocionou o País com sua mensagem: "Que Deus lhes pague e continuem rezando."

No dia 25 de maio dona Risoleta e Tancredo Neves completariam 47 anos de casados. Uma longa caminhada de companheirismo que começou em São João del Rey, quando ele já estava na vida pública: era Promotor de Justiça da cidade. E incluía uma espécie de pacto:

— De política lá em casa, quem fala é o Tancredo.

E assim foi durante todos os anos de convivência, nos quais ela firmou a imagem de uma mulher forte, metódica, ciosa da organização de seus espaços e dona de uma firmeza de quem sabia ser o eixo emocional da família.

— Ai de mim se não fosse a Risoleta, sempre disse Tancredo.

Única mulher entre seis irmãos, foi criada na fazenda dos Tolentinos, em Cláudio. Estudou no Colégio Nossa Senhora das Dores em São João del Rey, onde fez o curso Normal. E dedicou-se aos três filhos — Inês Maria, Maria do Carmo e Tancredo Augusto — em tempo integral. "Ela é nossa mãe para tudo", disse o filho. Reservada, pouco falando de si mesma, preservava também a privacidade da família em todos os momentos. Dos oito netos fala com um largo sorriso:

— São encantadores. Essa mulher discreta, sempre muito elegante em seu estilo sóbrio e formal, 67 anos, sempre achou que "as mulheres dos políticos devem viver à sombra deles, cuidando para que as questões relacionadas com o lar e os filhos não os preocupem".

Mas nunca confundiu discrição com distanciamento. Sempre esteve por perto, mesmo que fosse só para organizar as cinco casas da família, em Cláudio, São João del Rey, Belo Horizonte, Rio e Brasília. Essa sua disposição tem muitas testemunhas. Uma delas o irmão mais chegado e um ano mais novo, Edison Guimarães Tolentino, que explica porque "o doutor Tancredo sempre pôde dedicar todo seu tempo à política":

— Quando ele ia sair, já estava tudo arrumado: o terno, a camisa e a gravata que ele ia usar.

Suas primas, Terezinha Neves Butelli e Thais de Barros Pimentel Inocenti confirmam que dona Risoleta sempre foi uma dona-de-casa dedicada: "Cuida pessoalmente da roupa que Tancredo deve usar em cada ocasião, do preparo da comida caseira e também das contas. E nos cinco endereços do casal, que sempre foram usados na vida itinerante do político, há a marca de sua constante presença". As duas primas contam também que ao mesmo tempo dona Risoleta "é muito jovial e preocupada com a elegância — mas sempre com discrição".

Não fuma, não bebe e sempre foi reconhecida como uma boa anfitriã. Mesmo nos momentos mais críticos, como as longas semanas passadas entre o terceiro andar do Instituto do Coração — onde estavam seus aposentos e onde ela recebeu centenas de visitantes — e o quarto andar, onde ficava o presidente, preocupava-se com o bem-estar das pessoas que estavam à sua volta. Inspeccionava diariamente a arrumação da sala onde eram recebidas as autoridades e amigos, colocando flores nos vasos e arrumando os móveis como mais lhe agradava.

E a todos surpreendia pela sua força, esperança e fé. O ministro Reinaldo Costa Couto, por exemplo, saiu do Incor, depois de uma visita, referindo-se a ela como "grande guerreira, exemplo para todas as mulheres e homens do País".

Esteve com o marido todos os dias, mesmo na UTI, e se valia de todos os

recursos ao seu alcance para saber da enfermidade, do tratamento, contando com a ajuda do médico e amigo João Batista Resende Alves e do primo de Tancredo, Também médico, Aluísio Neves.

Até ralhava com sobrinhas que vieram de Minas e estavam chorando ao chegar ao hospital: "Se é para chorar, voltem imediatamente para Belo Horizonte". Assistia diariamente às missas no hospital, sempre lendo trechos do Evangelho.

Dona Risoleta, porém, é uma mulher muito reservada. Não gostava de dar entrevistas e se isso era inevitável, preferia responder por escrito. Mesmo depois de ter assumido a chefia do Serviço Voluntário de Assistência Social (Servas) em Belo Horizonte, quando Tancredo foi eleito governador. "Trabalhamos desesperadamente para sustar a rota inexorável da criança carente rumo à marginalidade", disse ela em setembro de 1983 ao responder por escrito, às perguntas de uma repórter sobre seu trabalho.

E continuou trabalhando no Servas durante toda a campanha de Tancredo Neves à presidência. "É preciso ter vocação para ser esposa de político, pois isso requer muita renúncia".

— Temos momentos de felicidade quando partilhamos de seus êxitos e sucessos assim mesmo quase sempre partilhamos do dia a dia de suas lutas, apreensões e decepções. Temos de ampará-los em suas frustrações, sem deixar transparecer que os estamos protegendo. Do mesmo modo, em meio às incertezas, temos que encorajá-los, sem dar a impressão de influenciar nas suas decisões.

Mas a sua passagem pelo Serviço de Assistência Social em Belo Horizonte levou-a à decisão de assumir integralmente o comando da LBA, depois da posse de Tancredo. E aos poucos, ia aparecendo em público, marcando com sua forte personalidade o esboço da primeira dama que o Brasil teria.

Em Brasília, antes da eleição, participou de reuniões com mulheres de políticos da Frente Liberal e inaugurou um comitê feminino pró-Tancredo, participando de almoços de campanha. Fugia de perguntas mais indiscretas com um sorriso e a frase de sempre: "Quem fala de política lá em casa..."

A sua presença e estilo como primeira dama começaram a ser notados durante a viagem do presidente eleito ao Exterior. Sempre pontual, encarregava-se dos detalhes mínimos da vida do casal: a arrumação das malas, escolha das roupas. Sem acompanhantes, usava os serviços de cabeleireiros dos hotéis onde a comitiva oficial ficava e surpreendeu muitos jornalistas em Roma, ao fazer, ela mesma, a barra de um casaco que estava muito comprido.

Dai em diante, esteve com Tancredo em todas as cerimônias e recepções que antecederam a posse que não houve. Como na missa do dia 14, mandada celebrar por ela mesma na igreja Dom Bosco em Brasília, que acabou sendo a última cerimônia pública do presidente que já não conseguia mais suportar as dores e o mal estar da doença.

Levado para o hospital de Base, dona Risoleta assumiu o comando da família e ficou ao lado de Tancredo o tempo todo. Deixou ordens bem claras à equipe do hospital:

— Todos devem ser bem atendidos. Seja ao telefone ou na portaria.

Nesse mesmo hospital, a família viveu um momento dramático, inesperado: o dia da segunda cirurgia. Anunciada, filhos e netos chegaram apressados e quase



Depois dessa missa, no Domingo de Páscoa, Dona Risoleta emocionou o País ao agradecer pelas preces por Tancredo.



Risoleta à frente de Tancredo, então ministro da Justiça, em 53, visitando grupo escolar em São João.



Risoleta e a filha no aeroporto do Galeão, em 62. Tancredo era então primeiro-ministro.



Ela, com Tancredo 1º Ministro, em 62, em S. João del Rey. Ao fundo, o então coronel Guedes e Francisco Dornelles.

em pânico ao hospital. Foram recebidos por dona Risoleta. Todos se abraçaram e a primeira dama, enquanto prosseguia a cirurgia, leu trechos da Bíblia e rezou.

Esse seu forte sentimento católico, sua fé, emergiu num pronunciamento inesperado e emocionante no Domingo de Páscoa. Pela manhã, assistiu à missa celebrada por dom Paulo Evaristo Arns, na capela do Hospital das Clínicas. Depois falou para todos os brasileiros que estavam acompanhando com orações a longa luta do presidente para manter a vida. Falando devagar, a voz firme modulada pela emoção e lágrimas dominadas, agradeceu:

— Há muito que era pensamento meu dizer ao povo brasileiro, a cada um brasileiro, uma palavra, eu diria, de conforto. Tãmanha tem sido a sua coragem para

chegar até nós um alento, numa hora em que tanto precisamos dele, que tive vontade de dizer, mas o meu pensamento era tão forte que, eu tenho certeza, ele chegava a cada coração do brasileiro.

— Deus lhes pague, meus irmãos. Tancredo, o seu presidente, caminha para a recuperação. Uma vez tendo condições de trabalhar, ele lutará, vocês tenham certeza, para que tenham dias melhores, na sua dignidade de sempre, na sua coragem. Em todos os passos de sua vida ele soube honrar todos seus compromissos com todos que se cercavam dele para serem dirigidos, para serem consolados, para serem ajudados enfim, aqueles que precisavam de ajuda e corriam à sua procura e ele realmente foi em toda sua vida, um samaritano, ajudando, curando, e um cirineu, também carregando com seus irmãos es-

sas cruzes que vão nos ombros de cada um.

Transmitido por todas as emissoras de televisão e de rádio, o breve pronunciamento da primeira dama emocionou o País, ao mesmo tempo em que levava novas esperanças dentro de um quadro no qual o presidente já havia sido submetido a quatro cirurgias. Em São João del Rey a irmã mais nova de Tancredo, dona Zíni, dizia estar mais tranqüila: "Ela resolveu falar porque Tancredo não está podendo, porque ele é quem sempre falou pelos dois".

No Incor, ela manteve sua vigília dia após dia. Falando com o presidente nos difíceis, solitários e longos dias passados na UTI, com a vida garantida pelos aparelhos e pela vontade mais forte de viver para cumprir seus projetos.